

CONSIDERAÇÕES SOBRE CERTA PRESENÇA SPINOZISTA NA CONTEMPORANEIDADE

Carlos Cassiano Gomes Leite ¹

RESUMO: Este trabalho pretende abordar duas contribuições contemporâneas, dos pensadores Mark Fisher e Laurent Bove, que, cada um a sua maneira, reivindicam a atualidade e efetividade de certos conceitos e noções do filósofo setecentista Benedictus Spinoza (1633-1677). Em Laurent Bove, a fundamentação e disseminação de uma clínica política, ao mesmo tempo singular e social, se desdobra sob a relação entre *conatus* e liberdade, sempre correspondendo às regras afetivas e intelectuais do projeto autônomo da multidão, tal como formulado pelo pensador holandês. Em Mark Fisher, por sua vez, a articulação conceitual entre *materialismo gótico* e *cyberspinozismo* como uma aposta que visa contribuir na criação de um corpo coletivo, imanente e antagonístico à tirania do capitalismo financeiro, encontra na tendência multitudinária da prática democrática defendida por Spinoza uma relevante elaboração. Por fim, o trabalho visa esclarecer o que há de comum entre os dois autores, a saber, a aposta na positividade do fazer político, e como essa característica reafirma a pertinência de mantermos um diálogo sempre atento e vibrante com a filosofia de Spinoza.

Palavras-chave: conatus; imanência; materialismo gótico; cibernética; afeto.

ABSTRACT: This paper intends to approach two contemporary contributions, by the theorists Mark Fisher and Laurent Bove, who, each in his own way, claim the actuality and effectiveness of certain concepts and notions of the seventeenth-century philosopher Benedictus Spinoza (1633-1677). In Laurent Bove, the foundation and dissemination of a political clinic, at the same time, singular and social, unfolds under the relation between *conatus* and freedom, always corresponding to the affective and intellectual rules of the autonomous project of the multitude, as formulated by the dutch thinker. In Mark Fisher, in turn, the conceptual articulation between *gothic materialism* and *cyber-spinozism* as a bet that aims to contribute to the creation of a collective body, immanent and antagonistic to the tyranny of financial capitalism, finds in the multitudinous tendency of the democratic practice defended by Spinoza a relevant elaboration. Finally, the paper aims to clarify what the two authors have in common, namely, their belief in the positivity of political action, and how this characteristic reaffirms the relevance of maintaining an ever attentive and vibrant dialogue with Spinoza's philosophy.

Keywords: conatus; immanence; materialism gothic; cybernetics; affection.

Introdução

São famosas as linhas em que Baruch de Spinoza, filósofo do século XVII, ridiculariza as análises que pretendiam descrever a ética e a política, mas que só conseguiam produzir julgamentos mistificados e prescrições morais. O motivo da refutação cômica desenvolvida por Spinoza em relação aos discursos pretensamente rigorosos estaria, segundo o filósofo, em negar a realidade e o movimento próprio das coisas de que eles diziam tratar, como se pode observar no prefácio do Livro III da *Ética*:

Os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da

¹ Graduando em Filosofia - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

natureza, mas de coisas que estão fora dela. Ou melhor, parecem conceber o homem na natureza como um império num império. Pois acreditam que, em vez de seguir a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio (SPINOZA, 2018, p. 97).

Assim, ao tratar dos afetos que constituem os seres humanos ou da política, constituída por estes, não observavam as práticas humanas desdobradas nas mais diversas instituições e seus pormenores materiais, mas, sim, forjavam um modelo ideal transcendente a partir do qual julgavam tais práticas. Spinoza, por sua vez, reivindica precisão geométrica ao tratar das práticas e dos afetos dos seres vivos, elaborando um método de investigação que pressupõe expressar definições que envolvam um real da coisa definida. Como consta no Escólio 2 da Proposição 8 do Livro 1 da *Ética*, “a definição verdadeira de uma coisa não envolve nem exprime nada além da natureza da coisa definida”.

Desse modo, uma das características que serão tratadas neste trabalho em relação à ideia de “certa presença spinozista na contemporaneidade” diz respeito à força inscrita na ideia de legibilidade do real que aparece na citação acima. Isto é, a aposta na compreensão de que, para trazer a “natureza da coisa definida”, é necessário, por um lado, criticar as tendências transcendentais nos discursos e, por outro lado, atuar numa formalização teórica que leve em conta a efetividade das distintas forças reais que agem na determinação dos seres no mundo e, por fim, na possibilidade real de, sob certas condições, apresentar tais forças e determinações. No entanto, é preciso ressaltar também que a forma específica como essa presença será tematizada leva em conta algo da crítica desenvolvida por uma das mais ativas correntes filosóficas da segunda metade do século passado, a *desconstrução*.

Desenvolvida pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida, a *desconstrução*, que, para o próprio Derrida, não é exatamente uma teoria, pode ser descrita, para fins de uma identificação mínima neste trabalho, como uma “estratégia de intervenção no quadro da Metafísica ocidental” (BORGES DE MENESES, 2013). Ela conta com um vasto instrumental crítico-conceitual cujo objetivo claro era fazer ver a estrutura problemática das oposições que compunham a filosofia ocidental até então, ou seja, era necessário demonstrar os pontos cegos pressupostos e nunca fundamentados, as violações argumentativas que forçavam identidades e os diversos fantasmas escondidos nas hierarquias simplificadoras. Mas tal exercício teórico julgava que desenvolver uma crítica como essa a partir de um fora da metafísica era pura inocência, já que a inscrição do problema, mas também da desconstrução dele, passava pelo jogo da linguagem, cuja estrutura repete aquilo que a dinâmica desconstrutivista desejava embaralhar.

Trata-se inicialmente de pôr em evidência a solidariedade sistemática e histórica de conceitos e gestos de pensamento que, frequentemente, se acredita poder separar inocentemente. O signo e a divindade têm o mesmo local e a mesma data de nascimento. A época do signo é essencialmente teológica. Ela não terminará talvez nunca. Contudo, sua clausura histórica está desenhada. Um motivo a mais para não renunciarmos a estes conceitos é que eles nos são indispensáveis hoje para abalar a herança de que fazem parte (DERRIDA, 1973, p. 16).

Pode-se constatar no trecho acima que, abrindo mão de um gesto fundacionista violento, o trabalho de Derrida aposta numa espécie de plenitude da suspensão que, ao se demorar no texto como clausura teleológica historicamente desenhada, o transformaria num espaço no qual seria possível atrair uma reconfiguração das violações desenvolvidas pela metafísica ocidental. De todo modo, esse esforço resultou numa nova (e supostamente indesejada) hegemonia teórica na filosofia da época, ligada diretamente à clausura do texto.

O tema vai longe. Por agora, basta deixar claro que a desconstrução desse projeto metafísico reivindicava uma espécie de imprecisão congênita não só em todo texto ocidental, como também no próprio desejo de presenciar o sentido fundamental de algo, pois este traria recalques que fundamentam violações. Ademais, esse gesto desconstrutivista se insere na época chamada por diversos autores de pós-moderna, um momento histórico derivado do "fim das grandes narrativas" e, por isso, caracterizado pelo apego substancial ao relativismo, que inviabilizou a construção de teorias e definições próximas à ideia de realismo. Como consequência, uma parte da filosofia teria deixado de pretender formular teoricamente definições com o teor e a pretensão encontrados em Spinoza. Porém, com o passar do tempo, e tendo internalizado certas dessas críticas desconstrutivistas (por isso a ideia de "certa presença"), alguns intelectuais reorganizariam tais pretensões em especulações que renovavam dispositivos e métodos filosóficos, objetivando superar o relativismo em voga. Este texto traz dois desses intelectuais: Mark Fisher, pensador inglês que articulou estética e política no intuito de melhor capturar as formalizações e mistificações do capitalismo pós-industrial e as possíveis forças contrapostas a ele, e Laurent Bove, filósofo francês para quem o estabelecimento de uma clínica social deve estar no horizonte de toda ideia forte de multidão política saudável e autogestionada, pois não haveria contradição entre a saúde dos seres singulares e a busca pela autonomia política. Cada uma, a sua maneira, pretende, no diálogo com Spinoza, sair da pura textualidade e expressar, ainda que de forma determinada, a natureza das coisas, ou seja, chegar a dizer a existência atual de algo singular e parte das causas que lhe determinam, assim como

participar das relações afetivas que produzem conhecimento sobre as causas que nos determinam, o que, seguindo Spinoza, também poderia ser dito da seguinte forma: expressar em definições teóricas os modos das relações afetivas e corporais atuais, já que tudo o que existe é no extenso e há no intelecto.

Laurent Bove, clínica social e multidão

O primeiro autor que será apresentado é o filósofo francês Laurent Bove. Em seu livro *Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese*, mas também em outros ensaios, trata o pensamento de Spinoza como a fonte de uma nova clínica social e de uma concepção política institucional atravessada permanentemente por uma dinâmica de afetos que tendem a projetos comuns no sentido ontológico que Spinoza dá ao termo. Trata-se, nos dois casos, de uma prática de análise e de ação racionalista que leve em conta todo o jogo causal entre os movimentos e as afecções dos corpos entre si, como pode ser lido neste trecho da Proposição 13 do Livro 2 da *Ética*: "Todas as maneiras pelas quais um corpo qualquer é afetado por outro seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que afeta". Além disso, é inseparável dessa noção relacional o fato de o desejo ser a própria essência do homem, isto é, é a partir do estabelecimento de uma relação com esses impulsos fundamentais que o homem pode chegar a produzir liberdade (SPINOZA, 2018). Mas como, de fato, derivar uma dinâmica irreduzivelmente coletiva e positiva a partir dessa forma de conceber o mundo? Abaixo, algumas definições retiradas da grande obra do filósofo holandês, a *Ética*, serão apresentadas, para dar início à demonstração de como Bove articula os conceitos e as noções spinozistas no processo de desdobramento da dinâmica coletiva, positiva e atual de uma *multidão* política.

Para Spinoza, Deus é o ser absolutamente infinito no qual a essência envolve a existência. Ele é a existência de cada coisa na sua atualidade real. Uma dessas coisas existentes, ou modos singulares da substância, os seres humanos, pode conceber somente dois atributos de Deus: a extensão e o intelecto. Tudo o que existe na natureza extensa, ou seja, no mundo material, são corpos, afecções das relações entre eles. Paralelas a isso, existem as ideias dessas afecções no intelecto. As afecções promovem modificações nos corpos que dirão respeito às novas formas que eles irão tomar, sem que haja modificações substanciais neles, ou melhor, a única substância realmente existente é Deus, ou seja, aquilo que envolve as relações de todas as coisas que há, de maneira que, não havendo substância humana, são as modificações relativas

entre os modos que estabelecem as forças constituintes dos seres vivos (SPINOZA, 2018). Por fim, há o paralelismo entre extensão e intelecto – os dois dizem respeito à mesma substância, cada um a seu modo, mas em correspondência perfeita. É certo que, para chegar à perfeição que as ideias conseguem envolver, há que participar de um aumento de potência raro, mas o que importa aqui são as possibilidades positivas inscritas nesse paralelismo entre corpo e intelecto que estão ao alcance dos modos singulares (SPINOZA, 2018).

Atravessando de maneira imanente esse jogo, há o *conatus*, a força resistente e afirmativa de um determinado ser para continuar em seu ser. Segundo a interpretação de Bove, o *conatus* se desdobra essencialmente como uma estratégia, ou seja, como a forma racional de o ser buscar a possibilidade de aumentar sua compreensão e força para agir (BOVE, 2012). Mesmo quando esse ser, por conta de ideias inadequadas, acaba se engajando em paixões de pura obediência e passividade, o *conatus* também vigora aí, pois o esforço em questão está de acordo com determinada relação à qual ele pertence naquele momento específico, isto é, tem relação direta com os momentos distintos da determinação causal de cada ser. Isso significa que o conteúdo dessa busca pode ser enganoso, ou mesmo perigoso, de modo que é preciso intensificar as forças que aumentam a capacidade de discernir entre as diferentes afecções, para chegar até a prática de produção de desejos e encontros ativos, aqueles cujo horizonte é o da liberdade e da felicidade. É em relação à necessidade de lidar com a efetivação dessas possibilidades inscritas no *conatus* que se seguirá uma analítica da constituição causal dos seres em sua construção coletiva do mundo, assim como um elogio da prática imanente de relações materiais que constroem condições de possibilidades institucionais para a liberdade coletiva.

Com esse intuito, Bove articula algumas definições e conceitos spinozistas com noções da psicanálise, sobretudo a freudiana, como no caso da identificação do *conatus*, primeiro, com a noção de “desejo sem objeto”,² ou seja, uma atividade, ou força, que tem na pura perseverança da sua potência determinada seu modo de ser e não pode se confundir com a projeção desse desejo em um objeto ou identidade qualquer; depois, com a noção de “impulso de morte”,³ quando o ser se depara com as paixões tristes exteriores a ele. Sem conseguir compreender tais paixões, acaba por participar passivamente do desenrolar destas, intensificando, por exemplo,

² Essa ideia aparece no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Ao tratar dos “instintos sexuais”, Freud descobre o deslocamento da ligação supostamente natural entre desejo sexual e objeto de desejo, promovendo uma rachadura na estrutura da identidade sexual do sujeito e abrindo para um fluxo do desejo mais saudável (FREUD, 2016, p. 38).

³ Diferentemente do modo como é utilizado por Bove, a “pulsão de morte” freudiana não ocorreria por conta de paixões exteriores, aparecendo antes como força interna constitutiva da psique humana, que “teria participação no empenho mais geral de tudo o que é vivo de retornar ao repouso do mundo inorgânico” (FREUD, 2020, p. 201).

as possibilidades da melancolia, sentimento que paralisa a busca pelos afetos positivos e destrói o desejo de viver (BOVE, 2010, pp. 30-31). Desse modo, ressaltar o aspecto contingente interno aos desdobramentos do *conatus* importa para fazer ver como a dinâmica dos corpos perfaz, de fato, as possibilidades do real, isto é, não se trata nunca de mero determinismo, pois aquilo que está ao alcance dos modos singulares e que, em grande medida, lhes aparece como algo de fora pode, no entanto, se reverter numa modificação positiva que aumenta a capacidade de esse modo singular agir, sua compreensão e força prática, revelando a parte que cabe à singularidade em questão na forma de aquele afeto existir, a ideia correspondente a ele e a possibilidade de devir causa autônoma de si e do mundo. O fundamental dessa reversão está em compreender que isso que lhe afeta não é exterior, pois compreende um envolvimento relacional do qual esse modo também faz parte (BOVE, 2010, p. 75). Assim, seguindo a forma extremamente dinâmica com que Spinoza apreende o real, Bove defende que uma sociedade saudável tende naturalmente a organizar os afetos, e as ideias destes, em redes, que, estabelecendo nós e fluxos mais ou menos intensos de informação sobre o real, aumentam a potência coletiva de entendimento das causas que apareciam como exteriores. A partir disso, a questão que se segue é: Quanto dos encontros que cercam e constituem o ser aparecem como evidentes para ele em toda sua extensão causal e o quanto de práticas e ideias adequadas de liberdade é possível elaborar a partir disso? Se a ideia de liberdade se aproxima de uma potência que não diz respeito a uma individualidade que não esteja nem deslocada do mundo, nem subsumida a uma complexidade soberana, então há espaço para a ação da singularidade na produção material do ser infinito (BOVE, 2010, p. 29).

Seguindo o projeto de sua psicologia social, Bove (2012) articula o “princípio do prazer”⁴ com a forma natural com que o desejo se desdobra em preservação do ser. A ideia é que a tendência do ser em buscar o que se apresenta como o mais prazeroso se articula com a instância de socialização, sem que haja uma contraposição entre ambas, isto é, a socialização spinozista não depende de um limite posto pelo desejo individual, ao contrário, a perseverança do ser é dinâmica, pois ligada diretamente ao movimento infinito da substância. Isso faz com que haja em Spinoza um conceito de autonomia dependente daquela característica que alguns críticos veem como uma espécie de imobilismo de sua filosofia. Diferentemente disso, Bove,

⁴ A relação entre o *conatus* e o “princípio de prazer” parece ser a que mais respeita a noção original, ainda que nela não se espelhe totalmente. Nos dois casos, afirma-se que “o conjunto do nosso aparelho psíquico tem o propósito de procurar o prazer e evitar o desprazer” de maneira natural e complexa, ou seja, há um trabalho de reconhecimento e tentativa de estabelecer critérios para continuar obtendo prazer e esquecer ou desviar do desprazer. De qualquer forma, é importante lembrar que, sobretudo em relação à função do desprazer, há desacordo entre os autores (FREUD, 2010).

ao tratar de uma “conservação indefinida da coisa nos e pelos seus efeitos” (2012, p. 447), eleva o dinamismo relacional da constituição dos modos singulares a uma intensa mobilidade natural, pois conservar, aqui, é o mesmo que tender naturalmente a sua expansão. Para mediar tal dinamismo, Bove mostra como o *conatus* permite o desenvolvimento de uma memória que mobiliza sensações ativas, sem retornar a elas, mas criando uma capacidade de filtrar quais sensações podem e devem ser buscadas no processo de intensificação da potência do ser e do aumento de sua capacidade de compreender e agir:

Na constituição de uma ética da autonomia, nós passamos, então, necessariamente da busca disso que nos pareceu útil, sob a determinação da nossa memória, para a busca disso que nós conhecemos, de verdade, nos ser realmente útil, sob a determinação da nossa Razão (BOVE, 2012, p. 448).

Voltando às definições spinozistas, importa lembrar que o ser infinito e perfeito, Deus, se expressa nos modos finitos e singulares existentes, e Bove defende que a maneira como esses modos irão efetivar a expansão do ser infinito diz respeito a uma prática na qual as concepções de sujeito e liberdade não devem ser confundidas com simples peças internas à “linearidade de uma casualidade extrínseca termo a termo” (BOVE, 2010, p. 30). Ou seja, o que está em jogo é a possibilidade de determinar racionalmente qual o papel material da singularidade nas descobertas das causas adequadas que lhe determinam e na produção do ser infinito, e como uma clínica social pode agir tendo em vista a criação da saúde coletiva, o que, em termos políticos, Bove, no rastro de Spinoza, relaciona com a força de constituição de uma multidão democrática. Assim, a produção de encontros que aumentem a força singular e coletiva dos corpos deve ser a prática imanente dessa clínica.

Conforme estabelece o autor francês, a produção material da multidão é, por sua vez, atravessada pelo desejo forte de não ser comandada por uma força exterior a ela, demanda uma minuciosa ética do encontro, própria à construção da democracia contra a soberania transcendente do Estado. Primeiro, no plano da ética, Bove ressalta os aspectos que ligam os modos singulares num devir multitudinário. A segurança, sentimento ligado à confiança no desejo estabelecido e à clareza de que tal desejo está relacionado às práticas dos atores envolvidos no projeto em questão, a partir do desenrolar da confiança, pode chegar a se transformar em “amor de si”, ou seja, pelos efeitos de sua prática e pelo aumento de confiança derivado disso, a multidão intensifica sua amplitude desejante, o que, nesse caso, não causa um aumento das contradições internas a ela, ao contrário, complexifica as possibilidades do que pode desdobrar, já que está em processo de “confiança mútua” e contentamento consigo mesma.

Na análise desses sentimentos, Bove, mais uma vez, apresenta a pertinência de pensá-los em relação com a ideia de “desejo sem objeto”, pois trata-se de um poder de decisão derivado das instâncias próprias da multidão que não faz referência a nenhum corpo, objeto ou instituição exterior na resolução das possíveis questões problemáticas internas à multidão (BOVE, 2010, pp. 137-139).

Seguindo, mais uma vez, a crítica à impossibilidade de “um império dentro do império”, Bove faz um levantamento dos diferentes momentos em que Spinoza aborda como um projeto radicalmente democrático estará sempre ancorado na extensão da liberdade natural da multidão (BOVE, 2010, p. 72). Fato importante no desdobramento dessa extensão é compreender que a impossibilidade da criação do “império” citado não pode perder de vista os efeitos práticos que tal ideia inadequada é capaz de gerar. Assim, as mistificações em torno da soberania demandam amor pela liberdade e vigilância ativa de sua manutenção, isto é, a composição com um *conatus* que deriva ideias adequadas, de modo que é justamente isso que aparece em Spinoza, formulado na noção de “direito de guerra”, a saber, uma tensão subjacente a toda ordem constituída que diz respeito à radicalidade do construtivismo coletivo que emana dos corpos em relação. Estamos no âmbito da composição de uma igualdade político-jurídica sempre mais perto da democracia quanto mais longe da liberdade individual que fere a vontade das singularidades em relação numa sociedade dada. O “direito de guerra” é a força viva de a multidão assegurar a contingência na confecção de um Estado dado e, ao mesmo tempo, sua força na possibilidade de transformação desse Estado. Diz Bove sobre tal direito:

Mas em nenhum caso a atividade resistente da *multitudinis potentia*, que não pode se reduzir ao exercício do direito civil, não pode ser tida por um valor guerreiro. Esta resistência é essencialmente, em atos e pelos valores que ela põe – resistir à dominação é desejar e, de igual modo, dizer o valor comum –, um “sim” à vida, à solidariedade entre os homens, à liberdade comum e à paz verdadeira de um mundo verdadeiramente comum (BOVE, 2008, p. 97).

Antes de passar ao próximo autor, importante ressaltar que Spinoza argumenta sempre a partir de uma variedade de exemplos históricos concretos, nunca se satisfaz com puras abstrações, preferindo expressar o que de fato pode envolver uma definição adequada do que está sendo tratado.

Mark Fisher, materialismo gótico e cyberspinozismo

O segundo autor tratado é Mark Fisher, intelectual inglês que nos anos 90 do século passado participou do CCRU,⁵ o Centro de Pesquisa da Cultura Cibernética da Universidade de Warwick, na Inglaterra. Esse grupo se notabilizou por desenvolver investigações em que correlacionava uma aposta na positividade dos avanços tecnológicos como forma de superar parte dos problemas que o capitalismo causava com a análise teórica experimental da cultura e filosofia de sua época.⁶ Mesmo após ter saído desse grupo, Fisher seguiu ligado a certos procedimentos ali desenvolvidos. Assim, no rastro do impulso inusual do grupo, a proposta defendida por Fisher trabalhada nesta pesquisa diz respeito à pertinência de produzir um materialismo spinozista eficiente na leitura dos processos desterritorializantes, abstratos e interativos do capitalismo na sua forma atual, tentando estabelecer uma gênese das formas causais de sua atuação, mas também apresentando propostas alternativas ao estado de coisas dado. A ideia encontrada na *Ética* de Spinoza de que tudo é “entidade”, ou seja, de que toda coisa tem alguma força causal de afetar o processo do ser, é peça fundamental desse método de leitura, e foi levada às últimas consequências por Fisher ao formular uma teoria que reconhece a agência dos sistemas complexos que compõem as relações psicossociais do capitalismo em seus pormenores:

Para Spinoza, existe agência em todos os lugares, mas isso nunca pertence a seres humanos. A *Ética*, portanto, não identifica sujeitos (ou objetos); [...] Spinoza desontologiza todas as distinções subjetivas, genéricas e de espécies em uma única classificação gótica: a Entidade. “[Nós] costumamos classificar todos os indivíduos da Natureza sob um gênero, a noção de Entidade, que pertence a todos os indivíduos da Natureza, sem exceção” (ETH, IV, Pref: 153) (FISHER, 1999, p. 15).

Outras concepções spinozistas, tais como do indivíduo como uma multidão determinada de corpos, Postulado 1 do Livro II da *Ética* (2018), e a constituição relacional de afetos entre os corpos como determinantes de outros indivíduos e relações, no Axioma 1 do corolário da Proposição XIII do Livro II, etc., são também de grande importância na construção de seu método de leitura e de sua proposição teórico-política.

A relação conceitual posta em evidência por este trabalho não faz mais do que apresentar algo que já consta no título da tese de doutorado de Mark Fisher, *Flatline constructs: gothic materialism and cybernetic theory-fiction*, de 1999. A novidade da elaboração diz respeito

⁵ Mais informações podem ser encontradas neste link: <https://www.urbanomic.com/contributor/ccru/>.

⁶ Pela aposta na superação dos limites do capitalismo a partir do jogo livre das forças emancipatórias supostamente inscritas na tecnologia, foram chamados posteriormente de aceleracionistas (SHAVIRO, 2013).

somente à relação estabelecida, já que o conceito de gótico já fora desenvolvido antes. Logo no início da referida tese, Fisher deixa claro toda sua “dívida” com Gilles Deleuze e Félix Guattari, pois foram eles que, no esforço de levantamento das relações imanentes que compõem o controle do capitalismo, relações que, por sua vez, remetem a certas particularidades das formas de controle sociais pré-capitalistas, lançaram mão de uma nova *grande teoria* acerca do desenvolvimento das estruturas de poder contemporâneas.

No livro *Capitalismo e esquizofrenia*, platô 12, intitulado “Tratado de nomadologia: a máquina de guerra”, os autores franceses partem da “prodigiosa ideia de uma vida não orgânica”, usada pelo historiador da arte Wilhelm Worringer⁷ para nomear as linhas abstratas que alguns artistas utilizavam na composição de objetos estéticos. Os autores, porém, usam a “prodigiosa ideia” para descrever a linha de afecções derivadas da prática da metalurgia, pois consideram que ela se apresenta como força produtiva de corpos complexos cujos elementos, orgânicos ou não, produzem relações vivas e efeitos práticos. Assim, destacando um tipo não orgânico de produtividade ao mesmo tempo material e subjetiva, concebem que “o metalúrgico é o primeiro artesão especializado e, desse ponto de vista, forma um *corpo* (sociedades secretas, guildas, confrarias). O artesão-metalúrgico é o itinerante, porque ele segue a matéria-fluxo do subsolo” (DELEUZE e GUATTARI, 2007, p. 82). Ou seja, há um investimento claro num tipo de relação viva cuja definição não faz referência à organização de um corpo vivo tradicional. Antes, apresenta a força da conjunção de distintos objetos na produção do real, apontando assim para uma teoria da montagem não essencialista que reconhecia certo papel a objetos tidos até então como inanimados. Mais à frente, no mesmo platô, os autores ressaltam outra característica que também será importante para Fisher, o comportamento conflitante interno a essas forças não orgânicas, pois delas derivariam tanto um conjunto de sínteses disjuntivas que escapam aos jogos das identidades fixadas por regras transcendentais dos aparelhos de poder, quanto a possibilidade de apresentarem uma espécie singular de mais-valia para as formas de captura internas às práticas capitalistas (DELEUZE E GUATTARI, 2007, pp. 98-99), visto que uma de suas características diz respeito à colonização das subjetividades a partir das mais distintas estratégias de controle e produção dos afetos.

Desse modo, fazendo jus ao trabalho de Deleuze e Guattari, o materialismo gótico aparece para destravar a possibilidade de reconhecer agência nos sujeitos não humanos, assim como para superar a oposição entre o vivo e o não vivo na formação dos novos circuitos

⁷ O autor inglês desenvolve sua noção estética de gótico no livro *Abstraction and empathy: a contribution to the psychology of style*, cuja primeira publicação consta de 1908.

“cyberpositivos”, sem, com isso, estabelecer qualquer relação com o sobrenatural (FISHER, 1999, p. 12). O movimento que afasta o gótico do sobrenatural e o coloca em consonância com as diversas relações dos seres orgânicos e não orgânicos, como os objetos técnicos e suas distintas formas de existir e raciocinar, produz o espaço no qual as formas do não vivo, em conjunções com o vivo, possam aparecer em toda sua força de efetivação dos processos reais, sejam eles aspectos das estratégias criadas pela lógica do capitalismo, sejam as potências informais que atravessam tais injunções e podem servir como forças antagonistas a essa lógica.

Como estratégia de ação imanente, Fisher se lança no circuito de blogues e debates políticos utilizando nas suas intervenções teóricas criações do mundo da arte, como os monstros do cinema de David Cronenberg (FISHER, 1999) ou a música pop inglesa (FISHER, 2005), com um objetivo duplo: primeiro, de demonstrar o tipo novo de articulação desenvolvido pelo capitalismo e, depois, apresentar um mapa sintomático coletivo, onde sintomas tais como a desagregação social, que dissemina patologias específicas ligadas ao modo de funcionar do neoliberalismo, como a depressão e a ansiedade (FISHER, 2020, p. 43), além da perda das condições de possibilidade de imaginar um futuro distinto da mera repetição da situação atual – o que vai redundar no que ele nomeia como “realismo capitalista” –,⁸ sejam apresentados como as formas normalizadas de a sociedade contemporânea disseminar patologias, estabelecendo, assim, uma rede entre a vida psíquica da sociedade e suas formas estéticas, no sentido expandido do termo, ou seja, enquanto ciência do sensível. Nesse percurso, ele se esforça por desenvolver uma teoria na qual os conceitos, e demais ações especulativas, funcionem como uma prática não meramente demonstrativa (como num realismo tradicional), mas como parte de conexões que podem ser designadas de sociotécnicas, pois agregam diferentes formas de sujeitos e sintomas da submissão ao capitalismo para chegar a transformá-los naquilo que ele próprio chama de circuitos “cyberpositivos”, isto é, conjunções que produzam corpos estranhos ao estado de coisas dado, disseminem potências de agir sobre o entorno desses circuitos e tragam a possibilidade de estabelecer as “causas adequadas” para tais determinações, abrindo espaços entre as submissões.

Importa ficar claro que, ainda como parte da herança da filosofia política derivada de Deleuze e Guattari, Fisher compreende que a forma de ser “monstruosa e infinitamente plástica” do capitalismo depende de seu impulso fundamental em intensificar o jogo artificial e

⁸ *Realismo capitalista* é o primeiro livro de Mark Fisher, lançado na Inglaterra em 2010 pelo selo editorial independente Zero Books, e no Brasil em 2020 pela Autonomia Literária. *Grosso modo*, o conceito visa dar conta do estágio de quase absoluta naturalização da sociedade capitalista e a impossibilidade de superá-la. É também uma aposta num confronto direto com a hiperficcionalidade dessa naturalização.

desterritorializante do mundo da vida em sua sanha progressista de transformação controlada. Por conta disso, é fundamental reconhecer que ele próprio também gera constantemente novas formalizações monstruosas e individuações específicas. O uso e a precisão do gótico estariam, justamente, na capacidade de demonstrar de maneira imanente como os aspectos encantatórios e conectivos das relações capitalistas tomam os corpos vivos e os transformam em meras engrenagens das máquinas de controle, que não se limitam nem à força de trabalho nem à forma tradicional do corpo humano. Nesse caso, o monstruoso é um tipo de operação complexa, viva e “capaz de absolver qualquer coisa”, e não um mal moral que atormenta homens inocentes, ou algo do tipo, menos ainda uma forma metafórica de descrever relações, pois, nas articulações próprias ao jogo de exploração do capitalismo, a relação entre ser vivo e máquina deixa de ser vista como uma simples projeção e extensão dos desejos humanos, para se transformar, usando um exemplo atual, num agenciamento formalizado pelas estruturas das mídias sociais, cujo modo estratégico de funcionamento articula aspectos da subjetividade humana, conscientes ou não, com mecanismos maquínicos e lógicas de participação padronizados por códigos de identificação e produção, promovendo uma inserção interessada no fluxo intenso das informações que animam direcionamentos das subjetividades.⁹ Habita-se numa espécie de campo acelerado das paixões exteriores produzidas por circuitos econômicos de modulação dos desejos e formação dos afetos. É nesse sentido que Fisher sublinha:

O que é preciso ter em mente é que o capitalismo é tanto uma estrutura impessoal hiperabstrata quanto algo que não existiria sem a nossa colaboração. A descrição mais gótica do capital é também a mais precisa. O capital é um parasita abstrato, um vampiro insaciável, uma epidemia zumbi; mas a carne viva que ele transforma em trabalho morto é a nossa (FISHER, 2020, pp. 28-29).

É importante lembrar que, a despeito de o circuito tecnológico do nosso tempo aparentar ser mais propício para tais especulações, o autor inglês defende que as articulações entre vivo e não vivo sempre foram os conjuntos constituintes do real, seja como deixa claro Spinoza no seu conceito já citado de “entidade”, seja no caso um pouco mais ambíguo de Marx, quando este faz uso de uma série de descrições tradicionalmente compreendidas como simples metáforas para o jogo de exploração do capitalismo, falando, por exemplo, do vampirismo na lógica de extração da mais-valia ou do caráter fantasmático da mercadoria (MARX, 2013, p.

⁹ Como exemplo concreto, podemos citar: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/10/como-as-redes-digitais-demolem-a-cultura-e-ampliam-a-ansiedade.shtml>. Para uma abordagem mais completa, ver Zuboff (2021, pp. 268-293).

146). O próprio Fisher, em uma publicação de 2004 no seu blogue K-Punk não por acaso intitulada "Spinoza, K-Punk, neuropunk", estabelece o cyberspinozismo como um modo de apreender tal prática monstruosa ao se referir dessa maneira ao conceito de cibernética, ao qual sua teoria estaria ligada:

A cibernética não se refere a máquinas técnicas. Wiener denomina assim o estudo do controle e da comunicação no animal e na máquina (a propósito: por que deixar de fora as plantas?). Sua principal descoberta é o "feedback", a retroalimentação, a capacidade de um sistema de refletir e agir sobre a própria performance (FISHER, 2018).

Se, na tese de doutorado, ele trabalha diretamente na articulação entre o cyberspinozismo e o materialismo gótico, com o passar do tempo, os aspectos do "devir-inumano" vão perder a hegemonia na reflexão do autor, abrindo espaço maior para a análise afetiva desenvolvida por Spinoza. Assim, encontra-se numa postagem de seu blogue intitulada "Engenharia emocional", de 2004, um Spinoza que antecipa Marx e a psicanálise quando, primeiro, aponta para a superioridade da prática sobre a simples contemplação, deixando entrever a famosa tese de que seria hora de mudar o mundo antes de interpretá-lo e, depois, em relação à psicanálise, quando torna o desejo a figura central na formação dos corpos, expandindo as causas determinantes para fora do racional. Essas causas aparecem, inclusive, como algo passível de ser acessado, lido e, em alguma dimensão, transformado, ainda que não completamente compreendido. Por conta de tais feitos, e outros mais, Fisher chama o filósofo holandês de engenheiro dos afetos, aquele para quem é possível tratar de maneira sóbria e geométrica as emoções, sem, no entanto, reduzi-las a meras sensações individuais, muito ao contrário. Logo em seguida, ressalta o jogo agônico que há entre a afirmação do *conatus*, o impulso natural de todo ser em permanecer no seu esforço de preservação da sua existência, com o fato de ele ser afetado por forças relativamente exteriores a ele que o determinam.

Dessa dinâmica, Fisher depreende a possibilidade de devir uma ética coletiva na formação do sujeito político como complexidade sociotécnica que pode chegar a produzir seus afetos e efeitos relativos, ou seja, não há contradição na parafernália tecnológica que nos devora e a geometria dos afetos desenvolvida pelo filósofo holandês, já que, na esteira de Spinoza, ele defende que "o pessoal e o biográfico são explicáveis apenas em termos maquínicos e impessoais" (FISHER, 2004), de modo que resgatar essa prática radicalmente materialista que "alia consistência lógica e consistência ética" é de suma importância para a possibilidade de reaver a força da produtividade coletiva de devir soluções para seus próprios problemas diante

dos embates políticos com o capitalismo. E Fisher não abre mão de investir nesse jogo, aposta em encontros presenciais para debater a precarização das novas formas de trabalho, milita na renovação do Partido Trabalhista inglês, e segue teorizando com grande intensidade, aparecendo como influência forte para uma geração de jovens que retornam à política institucional, como citado no posfácio escrito por Victor Marques e Rodrigo Gonsalves para o livro *Realismo capitalista*:

Como lembra Alex Niven no obituário de Fisher publicado na *Jacobin*, era o *Realismo capitalista* que estava “no bolso de inúmeros manifestantes dos protestos de 2010, convertendo-se numa espécie de manifesto não oficial da esquerda socialista britânica” (MARQUES e GONSALVES, 2020, p. 164).

A marca profunda do Deus spinozista, a imanência produtiva e infinita, é encarada como solo insuperável para o jogo agônico apresentado por Fisher. Ou seja, o pensador inglês defende a necessidade de construir uma estratégia anticapitalista na qual estejam imediatamente ligadas a produção de subjetividades saudáveis e conflitivas e a intensificação das instituições sociotécnicas nas quais tais subjetividades possam fazer valer sua força de desarranjar o capital com vista à formação de outro mundo.

Assim, não podemos perder de vista a capacidade de acessar a dimensão sempre tensa e em disputa que atravessa a produtividade aberta das conjunções corporais, haja vista que conceber a feitura de um corpo como parte de uma produção artificial nos possibilita vislumbrar a abertura necessária para outras formas e relações causais. Ainda mais, para além do efeito positivo encontrado na produtividade artificial, Fisher defende que o fato de fazer ver a agência como algo tão disseminado quanto propício a constituir projetos coletivos deve funcionar também como aglutinador de relações afetivas entre corpos na produção de noções comuns politicamente relevantes.

Encontros

Como já deve ter ficado claro ao longo do texto, há convergências relevantes entre os autores, apesar da singularidade do trabalho de cada um. Fisher vê no capitalismo atual o uso intenso e deliberado dos afetos, não só para modular desejos de consumo e subjetividades obedientes, mas também para, conjuntamente, criar corpos depressivos, culpados e, assim, incapazes de agir. Como professor de centros de ensino frequentados por alunos que não permaneciam nos institutos tradicionais, ele pôde presenciar o crescimento do número de jovens com problemas

psíquicos, a maior parte deles com depressão. A individualização da doença e a privatização dos cuidados constituem etapas da patologização do social, ou seja, da despolitização dos problemas materiais que ajudam a disseminar tais características como sendo culpa dos indivíduos que não se ajustam às formas de vida e de produção existentes (FISHER, 2020, pp. 37-40 e 43-45). Desse modo, o autor inglês, assim como Bove, também reclama por uma prática clínica que saiba juntar as determinações exteriores – políticas, portanto – que causam deliberadamente tantas patologias, mas associando a esse debate a necessidade de repensar conceitos como os de solidariedade.

Além disso, se, de um lado, o materialismo gótico de Fisher aposta na disseminação produtiva da agência na constituição da substância em Spinoza, em paralelo, encontra-se em Bove a afirmação de que Spinoza abre a “ética e a política para a história, quer dizer, para a prática coletiva e constituinte da própria Natureza” (BOVE, 2012, p. 453). Assim, nos dois casos, a força ativa do desejo tende necessariamente à criação de um tipo específico de coletividade na qual a autonomia aparece como resultado dos efeitos materiais da ação do ser, de modo que, nos dois casos, as forças constituintes do real se entrelaçam em formalizações que dizem respeito a um tipo de ética materialista cuja finalidade deve se confundir com sua prática, ou seja, o fazer monstruoso de Fisher e a entrada do dinamismo temporal dos seres em relação em Bove devem ser encarados como projetos dependentes da potência imanente, prática e infinita dos corpos, humanos ou não.

Conclusão

A defesa da inteligibilidade do real feita pelos autores, e referida pelo texto com a noção de “certa presença”, deveria aparecer como precisão de leitura em relação a aspectos do estado de coisas atuais, mas também como definição do espaço determinado de atuação possível dentro das causalidades corporais e intelectuais existentes. Ou seja, há uma defesa de que o texto dos autores carrega, cada um a seu modo, uma força do pensamento que, mesmo sem ser confundido com noções vulgares do realismo, traria um potencial prático de tradução e produção do real, restabelecendo certa forma de compreender a teoria e a noção do real derivados da filosofia de Benedictus Spinoza.

Com efeito, como também foi o caso no filósofo setecentista, esses autores desenvolvem tal projeto numa contraposição às formas de soberanias transcendentais existentes na atualidade, reivindicando, por isso, uma efetividade prática e política para os efeitos afetivos e desejantes

trabalhados em seus textos. Assim, apontam para a potência de excitar a produção de uma racionalidade relacionada à prática de autoconstituição multitudinária como nervura de uma democracia radical.

Conclui-se que, para Spinoza, Fisher e Bove, existe nessa conjunção entre prática intelectual e afetiva de resistência e formação material do corpo multitudinário um desejo forte de repor as condições materiais de existência em conformidade com a própria vida, isto é, com todas as formas de vida em suas singularidades associativas, derivando daí uma irreduzível justiça de todos.

Referências bibliográficas

BORGES DE MENESES, Ramiro Délio. La deconstrucción en Jacques Derrida: qué es y qué no es como estrategia. *Universitas Philosophica*, v. 30, n. 60, p. 177-204, jan.-jun. 2013.

BOVE, Laurent. Direito de guerra e direito comum na política spinozista. *Revista Conatus – Filosofia de Spinoza*, v. 2, n. 4, dez. 2008.

_____. *Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Spinoza e a questão ético-social do desejo. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 24, n. 3, p. 443-472, set.-dez. 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34, 2007. v. 5.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

F

ISHER, Mark. *Flatline constructs: gothic materialism and cybernetic theory-fiction*. New York: Exmilitary, 1999. Disponível em: <http://exmilitai.re/flatline-constructs.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FISHER, Mark. No longer the pleasures. *K-Punk*. 2005. Disponível em: <https://k-punk.org/no-longer-the-pleasures/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

_____. *Spinoza, K-Punk, neuropunk*. Ser espinosista é, ao mesmo tempo, a coisa mais fácil e mais difícil do mundo. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@ababeladomundo/ser-espinosista-%C3%A9-ao-mesmo-tempo-coisa-mais-f%C3%A1cil-e-a-mais-dif%C3%ADcil-do-mundo-9a9a1db3da1d>. Acesso em: 15 dez. 2021.

_____. *Realismo capitalista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREUD, Sigmund. O id e o ego. In: JOLIBERT, Bernard. *Sigmund Freud*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.

_____. *Além do princípio de prazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LEMOS, Ronaldo. Como as redes digitais demolem a cultura e ampliam a ansiedade. *Folha de S.Paulo*, 16 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/10/como-as-redes-digitais-demolem-a-cultura-e-ampliam-a-ansiedade.shtml>. Acesso em: 4 mar. 2022.

MARQUES, Victor; GONSALVES, Rodrigo. Posfácio. *In: FISHER, Mark. Realismo capitalista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MARX, Karl. *O capital: livro I*. São Paulo: Boitempo, 2013.

SHAVIRO, Steven. Sobre o aceleracionismo. *Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia, UniNômade Brasil*, n. 41, p. 281-292, set.-dez. 2013.

SPINOZA, Benedictus. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

_____. Tratado político. *In: SPINOZA, Benedictus. Obras completas*. São Paulo: Perspectiva, 2019. v. 1

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.